

EDUCAÇÃO EMANCIPADORA: O OLHAR FILOSÓFICO DE KANT E ADORNO SOBRE A FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DO SUJEITO

Francielle Nackamura de ALMEIDA¹

Orientador: Prof. MSc. Adriano Pereira da SILVA²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a importância da educação em uma perspectiva filosófica, na formação crítica e autônoma do educando. Para tanto, foi utilizado como método a pesquisa bibliográfica e o referencial teórico das reflexões sobre os conceitos de autonomia, esclarecimento e emancipação intelectual dos filósofos Immanuel Kant e Theodor Adorno. A reflexão proposta no presente artigo dedica-se a analisar o papel da educação como instrumento fundamental na emancipação intelectual dos sujeitos. Por isso, procurou-se demonstrar que a autêntica formação educacional estimula a reflexão e a autonomia de pensamento dos educandos. Nesse sentido a filosofia contribui para que a educação não perca seu principal referencial, isto é, estimular e ensinar o educando a pensar e expor seus pensamentos como uma semente a germinar, formando um cidadão crítico e autônomo capaz de exercer direitos e deveres. Com este propósito, esta pesquisa torna-se relevante para que todos os que se dedicam à educação possam perceber a importância da filosofia na educação e na formação de homens e mulheres capazes de exercer a cidadania sempre procurando construir uma sociedade mais justa e democrática.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação, Emancipação, Autonomia, Immanuel Kant e Theodor Adorno.

1. Introdução

A sociedade, atualmente, está habituada com acontecimentos chocantes e atrocidades que preocupam as pessoas ligadas à formação dos sujeitos, principalmente os profissionais da educação. Todos os dias veiculam nos noticiários televisivos casos das mais variadas vertentes de violência. Sem dúvida alguma, é possível constatar no comportamento das pessoas uma alienação, marcada por uma ausência de autonomia no que diz respeito à consciência cidadã.

¹Graduanda em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – fran.nackamura@gmail.com

²Docente do departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – drixfilo@gmail.com

Nota-se uma conduta massificada, sem posicionamentos críticos que se manifestam em atitudes de homofobia, racismo, xenofobia, intolerância religiosa, entre outras.

O problema notável nesses tipos de condutas evidencia-se na ausência da capacidade reflexiva das pessoas, isto é, os indivíduos perderam a autonomia de pensar e agir por si mesmos, tornando-se indivíduos manipulados por um sistema regido pelo interesse de lucro determinado pela produção capitalista.

As pessoas estão cada vez mais expostas a conteúdos midiáticos que manipulam consciências tornando-as massas de manobra de forma alienada. A Indústria Cultural colabora para a sistematização dos interesses da classe dominante e não contribui para a formação de sujeitos críticos na elaboração de uma sociedade mais justa. Podemos exemplificar esse tipo de conduta no fato de crianças passarem a maior parte do dia assistindo a conteúdos televisivos sem supervisão alguma dos adultos, que também dedicam parte do seu lazer, após o trabalho, aos programas televisivos de entretenimento ou aos jornais que veiculam informações ideologizadas. A Indústria Cultural, é a maior responsável pela alienação das massas, em que pessoas são reificadas alimentando o sistema capitalista.

As pessoas devem ser esclarecidas para poderem compreender esse processo de alienação de massas, na qual estão inseridas. O homem é fruto do meio social em que vive, por isso é de fundamental importância que ele seja esclarecido, que ele se emancipe intelectualmente para efetivamente agir de forma autônoma e cidadã.

Sendo assim, o presente trabalho discorreu sobre a importância da educação para a formação integral das pessoas objetivando a formação de pessoas autônomas, emancipadas e participativas procurando uma sociedade mais equânime e justa.

Nesse sentido, ele está dividido em duas partes: na primeira é feita uma análise da filosofia kantiana, em que é abordado o conceito de emancipação e esclarecimento, refletindo sobre a proposta de Kant, onde as pessoas devem adotá-la para atingirem a maioria intelectual libertando-se de seus tutores agindo por si mesmas.

Em um segundo momento, dando continuidade à mesma perspectiva do esclarecimento, a reflexão é feita sobre as ideias e o pensamento do filósofo Theodor Adorno, abordando a forma como o capitalismo e a classe dominante lança mão dos meios de comunicação de massa, isto é, da Indústria Cultural, para alienar as pessoas tirando delas o potencial crítico e reflexivo. Sob o viés teórico de Adorno, analisaremos o quanto a educação é de fundamental importância para evitar as barbáries que ocorreram em Auschwitz, na Segunda Guerra Mundial.

Por isso, discorreremos sobre a importância da educação na formação do ser emancipado e livre para que ele não se deixe levar por toda essa sistematização alienadora e destruidora da capacidade crítica do sujeito. O problema é que, atualmente, apesar de tantos anos terem se passado, ainda vivemos coisas que colaboram para que Auschwitz³ se repita e é esse um dos principais objetivos da reflexão filosófica sobre a educação visando a finalidade dela sempre procurar evitar através da formação de educandos críticos e emancipados.

2. O esclarecimento: a passagem da minoridade para maioridade intelectual

O século XVIII, período em que o filósofo Kant viveu, ficou conhecido como o Século das Luzes, devido ao forte movimento intelectual chamado de Ilustração (Iluminismo) – *Aufklärung* (= Esclarecimento). É uma época da História, em que há um grande otimismo no poder da Razão, que ilumina, esclarece e emancipa o ser humano. A confiança no poder das luzes da Razão é de fundamental importância para reorganizar o conhecimento e o mundo humano.

Segundo Kant, para o homem pensar de forma livre e autônoma, ele precisa sair da minoridade racional e dirigir-se para a maioridade racional. Menoridade é a ausência de autonomia no pensar e agir. É a conduta de pessoas que pensam e agem influenciadas por diversos sistemas heterônimos, isto é, pensam e agem sem senso crítico e controladas por um sistema ideológico institucional que massificam as ações do homem.

A Maioridade intelectual, por sua vez, é o pensar e agir de forma autônoma, sem a influência e o controle alienador das instituições sobre a vida do indivíduo. Para Kant, a Maioridade é a capacidade que todo indivíduo tem de sair da ignorância, de combater as trevas da ausência de conhecimento e lançar-se à luz da racionalidade bem fundamentada e estruturada.

A ilustração [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele é o próprio responsável. A minoridade é incapacidade de fazer o uso do entendimento sem a condução de um outro. O homem é o próprio culpado dessa minoridade quando sua causa reside não na falta de entendimento, mas na falta de resolução e coragem para usá-lo sem a condução de um outro. *Sapere aude!* “Tenha coragem de usar seu próprio entendimento!” – esse é o lema da ilustração. (KANT, 1989, p. 12)

³ Auschwitz foi criado próximo a Cracóvia, na Polônia, sendo o maior complexo de campos de prisioneiros estabelecido pelos alemães. Mais de um milhão de pessoas morreram em Auschwitz, e nove entre cada dez vítimas era judia. As quatro maiores câmaras de gás daquele local comportavam, cada uma, 2.000 pessoas para serem mortas por asfixiamento, podendo assim assassinar 8.000 pessoas em pouquíssimo tempo.

Para atingir a maioria intelectual, Kant submete a razão a uma análise rigorosa para ver se ela consegue de fato conhecer à realidade. Ele coloca a razão em um tribunal para julgar o que de fato o homem pode conhecer com fundamento e legitimidade.

A inteligência, ou como Kant prefere chamar, o entendimento, utiliza-se da razão para o processo do conhecer, dessa forma a razão é ativa e não apenas receptiva, não apenas diz sobre a realidade, mas a razão possui estruturas que ordenam os conhecimentos, de modo que eles se tornem inteligíveis e tenham significados.

2.1. A crítica da razão pura⁴ e sua contribuição para a educação.

Kant faz uma síntese entre o empirismo, que defende ser a experiência a única fonte de conhecimento e o racionalismo, cuja tese é a razão ser formada por ideias inatas, às quais estruturam todo o conhecimento. Para o filósofo o conhecimento é constituído de matéria e forma. A matéria do conhecimento são as coisas (os objetos), que se manifestam como fenômenos para o conhecimento e a forma é o Sujeito pensante que organiza racionalmente tais fenômenos.

Kant mostra que “todo o conhecimento se inicia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência” (KANT, 1997, p.36), ou seja, para conhecer é preciso tanto a razão com seus instrumentos, como a experiência com os fatos da realidade empírica. Assim, para conhecer as coisas precisamos da experiência sensível, mas essa experiência não será nada se não forem organizadas pelas formas da sensibilidade, que, por sua vez, são *a priori* – anteriores a qualquer experiência – e condição da própria experiência.

Na geometria temos como saber *a priori* que a soma dos ângulos internos de um triângulo é sempre cento e oitenta graus, é um tipo de conhecimento que não depende da experiência com os fatos; pois eles se formam através de um conhecimento baseado na demonstração. Quanto ao conhecimento científico, este não nos dá certeza, porque não importa quantos casos tenham ocorridos no passado, isso não nos prova que continuará ocorrendo. Por exemplo, por mais que o sol tenha nascido por milhares e milhares de dias, nada nos afirma que este fato irá ocorrer no futuro.

Por conseguinte, para conhecer as coisas, é necessário organizá-las a partir das formas *a priori* de espaço e tempo⁵. Segundo Kant, tempo e espaço não existem como realidade

⁴*Crítica da Razão Pura* é uma obra de profunda análise sobre as possibilidades e os limites de conhecimento da razão pura, especulativa e científica. É uma obra de teoria do conhecimento.

externa, são formas que o sujeito põe nas coisas. Kant diz: “o nosso conhecimento experimental é composto do que recebemos por impressões e do que nossa própria faculdade de conhecer de si mesma tira por ocasião de tais impressões” (1997, p. 40).

Com efeito, na perspectiva kantiana, o sujeito não pode conhecer as coisas tais como são em si, ou seja, a essência metafísica dos seres (a coisa-em-si) é inacessível ao conhecimento. O sujeito pode apenas conhecer os fenômenos, isto é, aquilo que se manifesta para ser conhecido.

Assim, para Kant todo o conhecimento é constituído pela forma *a priori* do espírito e pela matéria fornecida pela experiência sensível. Por esta razão, sair da menoridade intelectual e acessar a maioridade exige que o sujeito busque incessantemente o conhecimento, pois somente ele irá dar autonomia para o indivíduo conduzir sua vida prática de forma consciente e respeitosa para com as normas éticas e os princípios de cidadania política.

O indivíduo com autonomia racional é capaz de agir com consciência crítica e participação cidadã na construção de uma sociedade mais justa e equânime. Nesse sentido, um homem esclarecido possui uma consciência ética de suas atitudes e consegue racionalmente e de forma autônoma agir com liberdade.

Portanto, a crítica da razão pura, isto é, a análise reflexiva e rigorosa sobre todo tipo de conhecimento teórico é estimulada pela formação pedagógica e educacional, pois, segundo Kant, a educação estimula uma razão clara, pura, sem contradições contribuindo para a formação do sujeito livre e autônomo. Todavia, como relata Kant⁶, a razão não consegue conhecer e explicar as realidades que não se oferecem à nossa experiência sensível, tais como Deus, alma imortal, liberdade e infinitude do Universo, ou seja, os seres metafísicos não são acessíveis ao processo do conhecimento.

Por isso, para resolver o impasse do não conhecimento puro e racional, Kant demonstra que os seres metafísicos orientam a *razão prática* do homem, isto é, a consciência moral do sujeito, sua conduta ética e prática interativa entre as pessoas.

Nesse sentido, a educação é de fundamental importância como instrumento emancipador do indivíduo. Na perspectiva kantiana, a educação transforma a dura experiência de

⁵De acordo com Kant, tempo e espaço são formas a priori da razão pura. “O tempo não pode ser intuído externamente, tampouco quanto o espaço como algo em nós. Que são, porém, espaço e tempo? São entes reais? (...) Espaço e tempo não são conceitos empíricos são representações a priori do pensamento...” (KANT, 1980, p. 40).

⁶Kant desenvolveu uma metodologia filosófica baseada na *Crítica*, por isso toda sua reflexão apresenta-se como um criticismo expresso nas seguintes obras: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática*, *Crítica do Juízo*, além disso, *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Todas elas contribuem para o estudo da obra *Sobre a Pedagogia*, em que Kant faz uma reflexão sobre a educação.

viver sob a tutela da ausência de autonomia em uma experiência de liberdade. Por isso, de acordo com Kant, educação e ética caminham entrelaçadas, pois um indivíduo autônomo deixa de ser ignorante pela busca do conhecimento através de sua formação educacional e age de forma ética no seu cotidiano.

2.2. *A Crítica da razão prática⁷ e sua contribuição para a educação*

Na obra *Crítica da Razão Prática*, Kant faz uma profunda análise sobre a conduta prática dos indivíduos nas sociedades. Para Kant a razão prática e não especulativa apresenta máximas e princípios racionais que orienta a ação humana em sua vida prática e moral.

Analisando os princípios da consciência moral, Kant conclui que só o ser humano é moral, por ser capaz de agir por vontade. Para Kant a vontade é “faculdade de desejar cujo fundamento determinante – e daí até mesmo o que lhe é agradável – se encontra na razão do sujeito(...)” (1989, p 16). Assim, a condição que permite chegar a tal conceito de vontade é a liberdade.

A vontade é verdadeiramente moral quando regida pelos imperativos categóricos, isto é, máximas e princípios que orientam as ações dos sujeitos. Os imperativos são normas racionais que orientam a conduta dos indivíduos determinando o princípio de liberdade. Os imperativos categóricos são as máximas que determinam a ação dos sujeitos num caráter universal, isto é, uma regra de conduta que deve ser válida para todos os indivíduos.

Ao se propor analisar a razão prática, Kant busca compreender o mundo dos valores e costumes dos indivíduos e sua maneira de agir de acordo com a cultura à qual o homem vive e pertence, por isso, o homem precisa da razão para estabelecer os imperativos de forma clara e determinada, pois o “imperativo categórico é assim, chamado por ser incondicionado, absoluto, voltado para a realização da ação tendo em vista o dever” (ARANHA & MARTINS, 2001, p. 354).

O agir moral do sujeito funda-se na razão humana, por isso a lei moral que a razão descobre é universal, ou seja, é o princípio do DEVER, pois todo ser racional poderá seguir a máxima que torna a ação dos sujeitos válidas e necessárias, pois ela que preserva a dignidade humana. Nas palavras do próprio Kant: “Aja de tal modo que a máxima de sua ação possa sempre valer como princípio universal de conduta”; “Aja sempre de tal modo que trate a Hu-

⁷*Crítica da Razão Prática* é uma obra, em que Kant analisa a determinação dos seres metafísicos na formação do sujeito ético moral. É uma obra de Teoria Ética, filosofia moral.

manidade, tanto na sua pessoa como na do outro, como um fim e não apenas como meio” (1989, p. 52).

A educação deve contribuir para que o sujeito consiga esclarecer sua racionalidade e formar indivíduos livres e autônomos. Autonomia supõe liberdade e dever, pois, numa vida em sociedade, em que os indivíduos agem de forma racional ninguém pode agir por instinto e fazer aquilo que der na sua cabeça. De acordo com Aranha & Martins: “todo imperativo se impõe como dever, mas essa exigência não é heterônoma – exterior e cega – e sim livremente assumida pelo sujeito que se autodetermina.” (2001, p. 354).

Portanto, o que temos em Kant ao refletir sobre a educação é o sujeito moral como elemento principal de todo o debate em torno da formação da criança e do homem enquanto sujeito autônomo e participativo.

2.3. A concepção kantiana de educação

A educação para Kant está intimamente relacionada com a moral, pois seguindo seus pressupostos filosóficos o homem precisa sair da menoridade intelectual e atingir a autonomia racional de conduta para atingir sua vida livre e emancipada. A educação é um dos principais instrumentos para que o sujeito se torne de fato emancipado.

A conduta ética baseada no postulado da liberdade e autonomia exige uma razão esclarecida para fazer o homem controlar seus impulsos e desejos pelo princípio da disciplina assumida por decisão clara e consciente do próprio sujeito. Assim, o indivíduo torna-se capaz de se autodeterminar e de se autogovernar

Nesse sentido, o papel da educação é desenvolver uma razão esclarecida, emancipada e formar o caráter moral do sujeito. “O homem só pode tornar-se homem pela educação, e ele é tão-somente o que a educação fez dele”. (KANT, 1999, p. 40)

Kant quer demonstrar que a educação é capaz de estimular a reflexão crítica e emancipada para que o indivíduo atinja uma obediência voluntária e seja capaz de reconhecer as exigências razoáveis sobre os caprichos do momento na hora da ação.

Kant defende a união entre educação e liberdade, pois somente o sujeito livre é capaz de pensar e agir por si mesmo. Indivíduos autônomos frutos de uma educação bem elaborada contribui para a constituição de uma sociedade mais justa. Analisando esse princípio de Kant Aranha dirá: “Kant redefine a relação pedagógica, reforçando a atividade do aluno, que deve

aprender a pensar por si mesmo. (...) A pessoa moralmente livre é um fim em si mesmo e nunca meio para alguma coisa” (2006, p. 181).

Nesse sentido Kant, argumenta que a educação deve exercitar a aplicação desse princípio, de modo que as ações sejam construídas sobre o alicerce moral, e não sob a esperança da recompensa. Condena os que praticam o bem com vista a benefícios futuros, pois isso cria um vício, que afasta o homem do desenvolvimento da moralidade, já que lhe possibilita, quando crente de não estar sob observação, a execução de ações negativas.

Por isso, a educação é o instrumento necessário para formação dos indivíduos livres e emancipados, pois ela formará sujeitos conscientes de que sempre são fins e nunca meios. Tal fato, é o eixo central para vida ética e política.

3. O esclarecimento: instrumento de emancipação

O esclarecimento, como já foi explanado, consiste na saída do homem de sua menoridade intelectual para a maioridade, e ao atingi-la consegue pensar e agir por si mesmo sem a influência de processos heterônomos: uma pessoa, tutor ou instituição.

Os tutores ou mentores devem ser responsáveis por ajudar seus discípulos na busca pela sua autonomia, esse deve ser o seu papel: clarear o caminho para que o aprendiz alcance o esclarecimento.

Entretanto, isso nem sempre acontece, pois existem tutores que não querem o esclarecimento do indivíduo; ao contrário disso, eles querem que a pessoa permaneça na ignorância, pois assim poderão doutrinar seus formandos e lapidar seus pensamentos para agir conforme os seus próprios interesses.

Se a pessoa se tornar esclarecida, o tutor perde o controle que exercia sobre ela, e é isso que os maus tutores mais temem. Existem tutores que se aproveitam da influência que possuem sobre as pessoas para propagar intolerância e preconceitos, colaborando ainda mais para toda a barbárie que podemos observar nos noticiários atualmente.

Existem pessoas que estão em situação de menoridade e preferem estar assim, diversos são os motivos que acarretam essa situação: sejam eles devido ao comodismo, preguiça ou covardia, pois realmente é mais fácil ter alguém para pensar por você. Para que refletir se existe uma resposta pronta que alguém já encontrou por você? Não ser esclarecido é mais simples, qual a necessidade de se esforçar se alguém pode fazer isso por você sem a

necessidade de pensar? Esse comodismo todo alcançado por tanto tempo impede a pessoa de tomar suas próprias decisões e fazer suas próprias escolhas.

Alcançar a maioria não é uma tarefa fácil, sair em busca de conhecimento sozinho e por algumas vezes indo contra muitos preceitos apreendidos desde a infância no seio familiar é desafiador e exaustivo, por isso é evidente que estar na escuridão da minoridade lhe dá mais tranquilidade.

O principal benefício de tornar-se esclarecido é a liberdade. Possuir a capacidade intelectual para não se deixar alienar por nenhuma forma de ferramenta. É a competência de compreender-se como um ser político e responsável por suas ações e pela sociedade onde vive. Para tornar-se então um sujeito autônomo e livre, que baseia seus atos e ações na racionalidade e ética.

4. A Educação e Emancipação na perspectiva de Adorno

A educação é a ferramenta primordial para que as pessoas se tornem sujeitos autônomos, donas de seus próprios pensamentos, e assim, conseqüentemente, sejam emancipados. Para isso, ela deve ser voltada para a experiência formativa, ou seja, uma educação com o objetivo de formar as pessoas por completo, estimulando a reflexão e a consciência crítica dos indivíduos constituindo-os como sujeitos livres da alienação e da conduta massificada estimulada pelo sistema capitalista.

A indústria cultural é o mecanismo que a burguesia utiliza através das mídias para a alienação, manipulação e dominação dos indivíduos, transformando-os em uma massa sem autonomia de conduta e pensamento, isto é, transformando-os em meras mercadorias.

As mídias têm forte poder de influência devido a facilidade da propagação de seus conteúdos. Ela atinge de forma rápida e ampla muitas pessoas num caráter global. Atualmente, os indivíduos têm acesso mais facilitado às tecnologias e meios de comunicação, quase todos possuem televisão, rádio, jornal impresso, cinema e internet.

Cada vez mais cedo as pessoas estão expostas à mídia por longos períodos e é nesse momento que a indústria cultural, através de seus conteúdos, desperta os indivíduos para a necessidade de consumir coisas que eles não precisam ter de fato. Por exemplo, o anel da protagonista da novela das 21h, a pessoa não precisa daquilo para sobreviver, mas ela consome para satisfazer o ego e ser socialmente aceita.

A exposição às mídias sem consciência crítica pode ser a chave para a propagação não só do consumismo exacerbado e alienado, mas também pode ser uma forma de espalhar ideais

políticos de ódio, de intolerância e de totalitarismo, assim como o genocídio de Auschwitz que foi uma das maiores atrocidades já vivenciadas pela humanidade que ficaram gravadas na história. A incapacidade de autonomia intelectual colabora para que a barbárie se torne cada vez mais frequentes nos noticiários. e lutar contra todo esse mal é e deve ser o principal papel da educação.

Ainda nos dias atuais temos uma semiformação, cheia de conteúdos irracionais, com falta de práxis, que não estimulam o processo reflexivo do indivíduo, deixando assim uma falsa impressão de aprendizado. Só a reflexão crítica pode libertar o indivíduo, transformando-o em um ser consciente que não se deixa levar por nenhum sistema de alienação independente de qualquer coisa que veja ou escute, nada o influencia se ele estiver completamente emancipado intelectualmente, pois irá analisar e refletir sobre a informação recebida filtrando-a e tirando sua própria conclusão.

5. Educação após Auschwitz

Para que o auge da barbárie ocorrida em Auschwitz não se repita a primeira ação deve ser iniciada pela educação, um fato tão monstruoso e impossível de ser explicado ou justificá-lo. “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (Adorno, 2000, p. 119)

Uma educação após as tragédias da II Guerra Mundial deve ser engajada na obrigação de evitar os horrores e atrocidades de uma conduta social massificada que produziu dispositivos de controle, intolerância e morte tal qual o campo de concentração em Auschwitz.

As pessoas precisam se conscientizar da dimensão desse fato para que ele não se repita e torne-se apenas palavras sem a sua real proporção. A educação tem o imprescindível papel de evitar que a consciência e a inconsciência das pessoas possibilitem a repetição da barbárie do Holocausto. Milhões de pessoas inocentes assassinadas de uma maneira planejada, é humanamente indigno, aliás só o fato de mencionar números já se torna terrivelmente inadmissível.

Para o filósofo, a consciência e inconsciência das pessoas referem-se ao nível de reflexão que o sujeito apresenta sobre si mesmo, sobre suas motivações, sobre o mundo, as relações de poder e organização cultural da sociedade à qual ele pertence.

Um acontecimento histórico que não deve ser diminuído por ninguém, pois não se trata de um simples fato histórico, trata-se do resultado de uma sociedade marcada por uma educação austera com grandes traços nacionalistas, que fizeram milhares de pessoas comuns se-

rem capazes de cometer os piores atos contra os que julgavam inferiores: judeus, negros, ciganos, pessoas com deficiências etc.

As pessoas que cometeram tais atos deveriam despertar sua autonomia, isto é, a capacidade de pensar e agir por si mesmas, pois somente a consciência crítica seria o instrumento fundamental para o processo de destruição de todo o sistema de alienação das massas. Adorno (2000) demonstra uma grande preocupação com identificação cega com a coletivização, isto é, a conduta massificada dos indivíduos que não dominam o senso crítico e esclarecido.

Sem dúvida, a chave para o despertar do senso crítico, esclarecedor e emancipador está na educação. A educação deve estar fundamentada na autorreflexão crítica, que estimule o indivíduo a pensar de forma autônoma, tornando-se emancipado, tal como propunha Kant em pleno séc. XVIII. Essa educação esclarecedora deve ser iniciada na vida das pessoas o quanto antes, de preferência na primeira infância, pois a formação do caráter das pessoas tem início nesse período.

Todavia, vivemos em uma sociedade com traços bem parecidos com as características alienadas e intolerantes daquela época, ainda temos presentes em nossa sociedade capitalista pessoas que acabam por aderir a hábitos brutais objetivando aceitação em grupos reacionários. Há um perigo muito grande em grupos que usam de rituais de iniciação e lançam mão do uso da dor física, hábitos brutais, trotes de qualquer ordem, práticas eugênicas e etnocêntricas, essas ações do passado pelos quais os nazistas enalteciam e cultuaram diversas atrocidades em nome dos bons costumes.

“É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos [perseguir e assassinar], é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios [aos que perseguiram e assassinaram], procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos” (ADORNO, 2000, p. 121)

No âmbito educacional essas ações também devem ser reprimidas, pois a educação não deve ter como método a brutalidade, humilhação, dor. Achar que tais métodos trazem consigo pessoas viris e disciplinadas é um equívoco muito grande, pois a necessidade de ter de suportar a dor, pode se converter em masoquismo e sadismo e, conseqüentemente, começam a achar que práticas, como as institucionalizadas por Auschwitz são normais. A educação não deve premiar e nem promover a dor, o medo não pode ser estimulado como prática pedagógica em nenhuma circunstância.

Segundo Adorno, as pessoas seguem cega e alienadamente, grupos e atitudes coletivas abrindo mão da autonomia para serem meros objetos de controle e de conduta massificada de

personalidades e sistemas autoritários, que se manifestam pela austeridade, caráter manipulador, postura intolerante e incapacidade de sentir emoções. É necessário, para que Auschwitz não se repita, que as pessoas consigam ser emancipadas a ponto de saber identificar esse caráter manipulador. Os grandes líderes de movimentos sociais massificadores são incapazes de ter sentimentos humanitários com os outros, buscando o respeito, a tolerância e atitudes mais equânimes, eles agem como doentes mentais, psicopatas.

Portanto, refletir sobre o papel da educação, estimula um conhecimento interdisciplinar em que o uso de todas as ciências existentes, isto é, o conhecimento da Sociologia, da Filosofia, da História e da Psicanálise é de fundamental importância para se estudar a fundo os reais motivos da construção de Auschwitz. Compreender como aquelas pessoas puderam raciocinar e planejar a morte de milhares de pessoas pelo princípio da intolerância, faz o homem contemporâneo, na posse de um pensamento autônomo e emancipado, declarar que: *Auschwitz não volte a se repetir nunca mais.*

6. Considerações Finais

Ao longo do trabalho foi possível refletir sobre a importância da educação para a formação de indivíduos capazes de pensar e agir por si mesmos, isto é, indivíduos autônomos e emancipados intelectualmente. Esse conceito de autonomia intelectual surgiu no contexto do séc. XVII com o movimento filosófico e cultural do Iluminismo ou Esclarecimento. Os filósofos naquela época queriam que as pessoas tivessem pleno domínio de sua capacidade intelectual para lutar contra os desmandos da aristocracia, do clero e da nobreza.

Desde o início do movimento acreditava-se que a Razão seria a “luz” do conhecimento que tiraria os homens das “trevas” da ignorância. Acreditava-se que o Iluminismo conduziria o homem ao progresso, ao desenvolvimento e ao domínio do conhecimento racional livrando-o do medo e das superstições e tornando-o senhor de si mesmo.

A educação teve grande destaque nessa época, pois acreditavam que somente formando as pessoas, tirando-as da ignorância seria possível lutar por uma sociedade mais justa. Os educadores e filósofos defendiam que a capacidade humana de utilizar a razão para conhecer a realidade e intervir nela, no sentido de organizar, racionalmente, a melhor forma de vida para as pessoas, era o objetivo primordial do esclarecimento.

Eles argumentavam que o processo da ilustração (esclarecimento) estimulava a libertação do ser humano dos medos, superstições e credices do “tempo das trevas”. A ilustração

levava o homem a questionar as tradições vulgares e a construir, de maneira autônoma, uma nova ordem racional para a sociedade.

Nesse sentido, o filósofo Immanuel Kant, defendeu que o esclarecimento era a autonomia do indivíduo no uso de sua própria razão, que demonstra maioridade intelectual para sair dos domínios da heteronomia e agir de forma livre. A ousadia do conhecimento autônomo é a base para ações éticas livres e, por conseguinte, uma sociedade livre e justa.

Alguns séculos depois, mais precisamente no séc. XX, após os horrores do Holocausto, o filósofo Theodor Adorno recupera o princípio do esclarecimento afirmando que a educação deve ser esclarecedora no sentido de emancipar as pessoas, isto é, torna-las autônomas críticas e participativas, contribuindo para uma sociedade mais justa, mais equânime e tolerante.

Adorno acreditava que a Razão autônoma e emancipada que o Iluminismo tanto defendeu, foi sucumbida pela Razão Instrumental, isto é, o conhecimento tecnológico, científico e pragmático. Em outras palavras, a Razão crítica foi sufocada pelas relações de produção capitalista e, por isso, ao invés, de contribuir para emancipar o homem, ela contribuiu para alienação da consciência do indivíduo.

Diante dessa análise reflexiva, é possível pensar que o ideal educacional iluminista de emancipação intelectual do sujeito e o alerta de Adorno para que a educação jamais contribua para o retorno das atrocidades de Auschwitz ainda se faz ecoar em nossa sociedade de forma urgente.

Vivemos a sociedade da informação e do conhecimento, todavia, paradoxalmente, vivemos uma profunda onda de intolerâncias, xenofobias, racismos e violências permeadas por ideais de grupos radicais, reacionários e dominados por uma profunda ignorância. É assustador que depois de tantos anos do ocorrido dos horrores do holocausto, encontramos em nossa sociedade indivíduos presos a idealismos de condutas massificadas, que revelam heteronomia de ação estimulando intolerâncias e caos humano, étnico, político, ético e social.

Portanto, percebemos assim, que a educação tem e sempre terá um vínculo direto com o princípio de esclarecimento intelectual e emancipação autônoma do sujeito, pois, sem dúvida alguma, ela deve formar sujeitos com consciência cidadã, capazes de lutar por um mundo melhor e mais justo.

A educação é o instrumento emancipador que forma o sujeito com razão crítica, isto é, o sujeito capaz de criticar a si mesmo, sua função e lugar na sociedade. Um sujeito que problematiza incansavelmente objetos, objetivos, metodologias, ferramentas, a arte, o direito, a ética, ou seja, toda a manifestação cultural que o homem produz e vive. A educação tem por

objetivo estimular a busca pelo autoconhecimento, estimular a razão crítica que almeja pelo conhecimento que constrói e reconstrói as relações humanas e interpessoais.

Sendo assim, a educação deve ser digna de si mesma e jamais encerrar em formas definitivas, em momentos recortados da totalidade da realidade, em frações particulares de ideologias e referenciais políticos. Os educadores não devem pautar suas ações em padrões que parecem corretos, porque são feitos pela maioria. A educação esclarecedora e emancipadora é aquela que forma cidadãos críticos, é aquela que estimula o contínuo e incansável movimento de superar suas falhas, reconhecer suas próprias limitações na busca de sempre se aperfeiçoar. A verdadeira educação é sempre vigilante e autocrítica, por isso, ela tem fundamental importância na formação de pessoas e na construção das autênticas relações sociais, pois ensinar e aprender acontece na escola, no ambiente cultural, no cotidiano das convivências, isto é, em todos os âmbitos da vida do sujeito que tem por objetivo a luta contínua por um mundo melhor.

7- Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna. 1989.

_____. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna. 2006.

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FÁVERO, Altair Alberto, et all. **O Ensino da Filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais**. In: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 12/03/2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, J. M. "Após Auschwitz" In: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 59-81.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

JAY, M. **Ideias de Adorno**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

JIMENEZ, M. **Para ler Adorno**. Trad. Roberto Ventura. Petrópolis: Vozes, 1999.

KANT, Immanuel. O que é o Esclarecimento? In: ANDRADE, Régis C. **Kant, a liberdade, o indivíduo e a República**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**; trad. Paulo Quintela. – São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. 4. ed. Lisboa: Colouste Gulbenkian, 1997.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2002, 4.ª ed., 107p. ISBN 85-85541-17

KOHAN, W. O. **Três Lições de Filosofia da Educação**. In: Educ. Soc. , Campinas, vol. 24, n. 82, p. 221-228, abril 2003 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso: 20/01/2018.

KNELLER, George. **Introdução à filosofia da educação**, Rio de Janeiro, Zahar, 1981

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. RJ, Petrópolis: Vozes, 1995.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez. 1994

MELLO, G. N. **Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 1994

NISKIER, A. **Filosofia da Educação: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor. 1992.

PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs) **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PUCCI, B., ZUIN, A., OLIVEIRA, N. R. S. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2000.

REALE, G. & ANTISERI, D. **História da Filosofia: de Spinoza a Kant**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980

SEVERINO, A. J., FAZENDA, I. C. A. (orgs). **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

ZUIN, A., PUCCI, B., LASTÓRIA, L.N. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015.